

07

Milia, Ressonâncias |
Milia, Resonances

07

Milia. Ressonâncias | Milia. Resonances

Ricardo Roque¹

Chegada¹

Chega-se e logo parece que a memória ou digo os meus passos se orientam para o trilho curvado pela sombra calma de castanheiros figueiras carvalhos árvores de azeite futuro árvores sei lá o nome mas com tantas gerações no sangue só resta agradecer-lhes a existência e pisar cada folha seca cada espinho de castanha cada galho como se a humidade neles contida fosse um monge despojado cultivando vidas inteiras em casas de pedra talvez como estas quase como estas antes muito antes de lhes

ser renovada a pele por gente dedicada à ressurreição das colmeias antigas e dos jardins de oliveiras que se estendem em onda até à coroa de rochas lá em cima. Milia a montanha a crosta da alma da resina viva para onde as ideias pousadas as palavras que aqui acontecerem ditas regressem não se percam não se escrevam antes fiquem habitantes sonoros da paisagem fundidas com sons de castanhas em queda livre e ovelhas balindo e guizos de cabras peregrinas. Há cães que ladram e água que corre fresca de uma pequena fonte. Bebe-se como fogo vulcânico amaciado por

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

raízes e memórias a este lugar subterrâneas. Palavras fiquem por aqui fiquem sons pensamentos agarrados a tudo o que vive e mesmo às pedras. Que não fujam as palavras ditas. Aqui repousem transformadas em seivas húmidas propícias.

A reabilitação do silêncio

A porta
do quarto
um monge
o castanheiro
Do silêncio
sobra a fresta
o vulto
humano
a voz
sobrevivente.

Labirinto, Λαβύρινθος

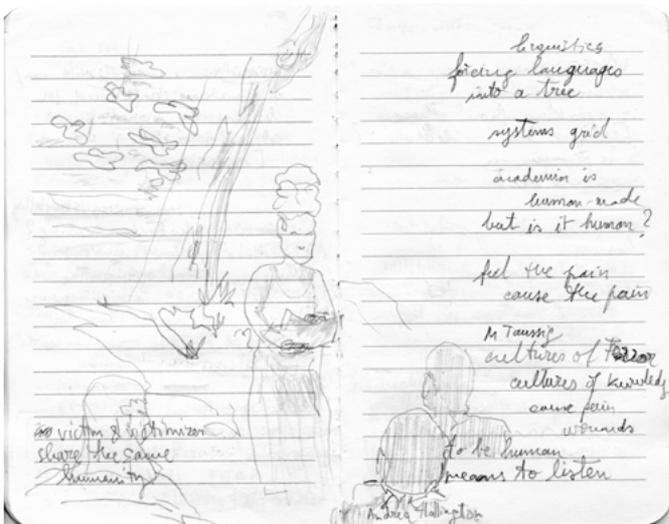
Seguindo as pistas vermelhas tem-se um trilho marcado na encosta tomilho manjerição anis uma floresta rasteira de aromas espalhados pelos passos de cada um e então perfume e sol forte e sombras raras acentuam a intensidade da caminhada. O topo vê-se longe na verdade nem lá chegamos não por falta de esforço ou

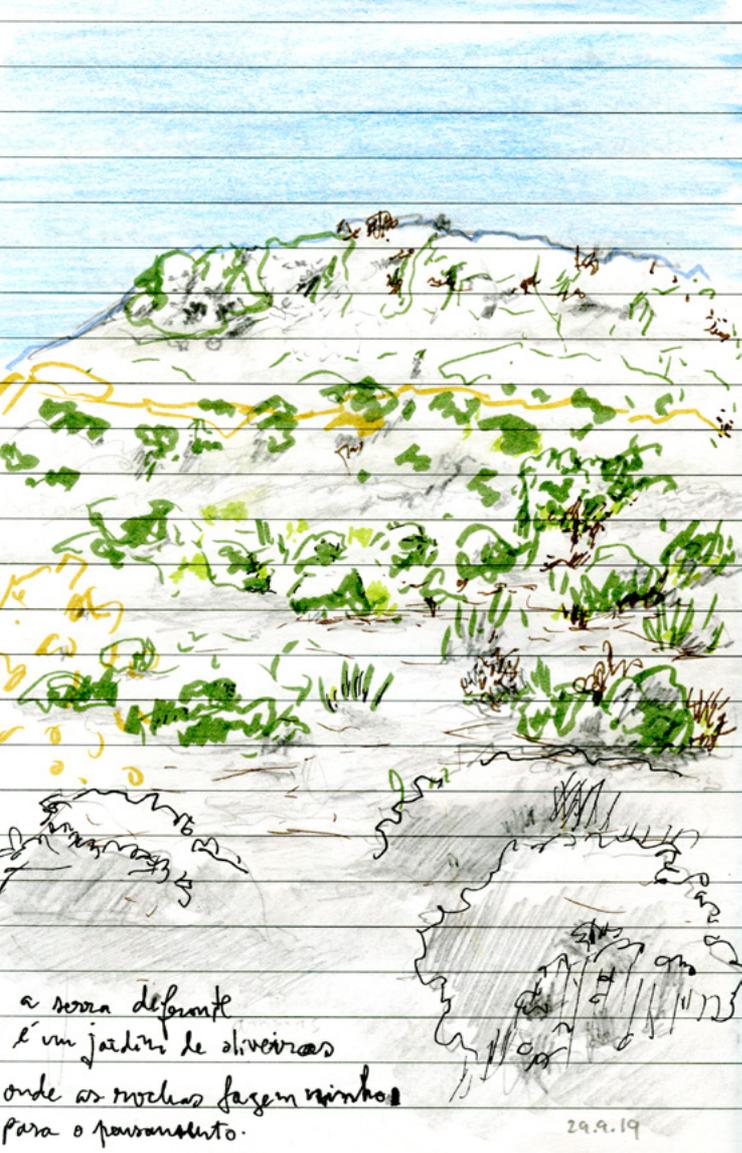


vontade ou desistência ou sede inoportuna mas porque uma vedação de arame se interpõe impedindo os traços de cor de conduzir-nos ao cume e de lá vermos o mar imagino o mar do alto da mais escarpada rocha. E foi sem sucesso na escalada sulcando pedras entre espinhos e oliveiras que concluímos parando no avistamento do monte fronteiro um musgo verde gigante e viçoso um negativo imenso dos altos rochedos inalcançados. Preenche a alma tomar parte na rotina das cabras respirar o horizonte de precipícios seguir a esfera sem começo sem saída e enfim descer ao vale no caminho de volta, a fuga do labirinto.

Desumanização

A madrugada feliz a aurora abençoada a companhia dos cães as aves em círculos na cordilheira da serra o mar os aromas das ervas multiplicados pelos nossos passos o caminho do Castelo a luz açucarada os arbustos rasteiros iluminados de cobre o meu corpo a água amaciando o cansaço. E não supúnhamos





que mais tarde não supunha até eu próprio responsável pela ocasião cinematográfica que se preparou no quarto de A. acompanhada de frutos secos e um Porto trazido na bagagem não supúnhamos, dizia eu, que depois de tão madrugadora caminhada, libertadora e espiritual visita ao cume vivo da serra, fossemos ao fim do dia confrontar-nos com as imagens do horror da colonização da descolonização da violência que une a vítima e o perpetrador no espaço da morte, o lugar da humanidade em estilhaços, da morte mútua,

onde a desumanização do outro equivale com efeito à de si mesmo.

A transformação demora. A transformação do mal em bem ressuscitado.

A produção de humanidade

Escrevo antes que as chuvas de inverno cheguem antes que apaguem os sulcos dos nossos passos os ecos das nossas palavras, 'nossas' porque as sinto assim como um abraço físico que as circunstâncias propiciaram, as palavras um rito de adivinhos em borras de café as pegadas no campo os gritos soltos ao vento como os de cães atoleimados em perseguição de rebanhos do pastor, antes, portanto, que os traços dos vossos olhos os sorrisos amedrontados com o futuro que a gota de uma conversa desmancha em aromas silvestres e canções poemas intrometidos em gramáticas de autenticidade imaginária, antes portanto (respiro) que a multidão livre e rebelde da linguagem humaníssima que trocámos se amoleça como a cera das capelas se disperse no pó de ruínas incendiadas, antes antes antes que eu seja de novo pouco mais do que um exército em parada contabilizando minutos ao comando da rotina, antes retenho um cofre um segredo um átomo uma capela perfeita uma garça que não existe.

Em mim a humanidade dos outros multiplica-se; a minha humanidade nos outros reconhece-se. Difícil é o trabalho de produzi-la. Difícil é a produção de humanidade. O artesão do rio nada mais possui. O artesão feliz nada mais produz.